

Reflexões acerca do transe religioso e sua relação com as religiões afro-brasileiras

Reflections on the religious trance and its relations to Afro-Brazilian religions

Ernani Francisco dos Santos Neto

RESUMO

O transe religioso como objeto de pesquisa científica adquiriu com o passar dos tempos várias perspectivas, desde à visão de práticas selvagens primitivas, à demonização pela instituição religiosa, bem como a sua patologização pelo campo das ciências psiquiátricas e psicológicas; tornando-se o objeto de uma variada literatura que se estende por mais de um século. O transe passou a ser visto no contexto brasileiro como traço central das religiosidades afro-brasileiras, e por ser um fenômeno tão complexo tem fascinado os antropólogos e estudiosos da religião em todo mundo. O presente artigo tem por finalidade refletir sobre transe religioso e sua relação com as religiões afro-brasileiras, trata-se de uma reflexão acerca do transe religioso tendo como referenciais artigos científicos e textos que versam sobre o tema. Também foram anexados dois relatos de filhas-de-santo com o intuito de maximizar o estudo. Esta pesquisa nos leva a afirmar que o transe é visto como uma prática comum em muitas sociedades e percebido como um elemento fundante para as cosmovisões afro-brasileiras. O estudo aponta algumas perspectivas dominantes de análise entre elas as perspectivas biológicas, sociais e fenomenológicas.

Palavras-chave: Transe, Incorporação, Possessão, Religiões Afro-brasileiras.

ABSTRACT

The religious trance as an object of scientific research has acquired, over a period of time, various perspectives, from the view of primitive savage practices, to the demonization by the religious institution as well as its pathologization by the field of psychiatric and psychological sciences. Being the object of a varied literature that extends for more than a century, the trance has come to be seen, in the Brazilian context, as the central feature of the Afro-Brazilian religiosities and for being such a complex phenomenon has fascinated the anthropologists and researchers of the religion all around the world. The purpose of this article is to reflect on religious trance and its relationship with afro-Brazilian religions. It is a reflection about the religious trance, having as reference scientific articles and texts that deal with the theme. Two reports of sons-of-saints were also annexed in order to maximize the study. This research leads us to affirm that the trance is seen as a common practice in many societies and

IPsicólogo, doutorando em Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora. Artigo recebido em 31.07.2019 e aceito 20.10.2019. Contato: ernanineto.psi@gmail.com

perceived a founding element for Afro-Brazilian worldviews. The study points out some dominant perspectives of analysis between them to the biological, social and phenomenological perspectives.

Key words: Trance, Incorporation, Possession, Afro-Brazilian Religions.

1. INTRODUÇÃO

“ Mediunidade são pupilas invisíveis para vermos e admirarmos os espetáculos ocultos do Universo. É ver sem valer-se dos olhos, é saber antes de tomar conhecimento dos fatos ”.
(Lourdes Catherine).

Nos últimos anos, mesmo diante de algumas dificuldades, percebe-se um movimento crescente na busca pela legitimidade de discursos afirmativos e maior abertura para a implementação de políticas públicas ligadas as questões étnico-raciais. Este processo, em se tratando da questão religiosa no Brasil, coloca a crescente abertura para o pluralismo religioso que vem desde a descriminalização das religiões de matrizes africanas na década de 60 até os dias atuais. Visto como um avanço resultante dessa busca, tomamos como exemplo a lei 10.639/03, a qual torna obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira no país. Esta lei busca reparar danos que se repetem há cinco séculos e que atingem tanto à questão da identidade quanto à questão dos direitos humanos e sociais, não se restringindo à população negra, mas abarcando toda a sociedade brasileira (MEC, SECADI, 2013) ². Nesta conjuntura, aspectos da cultura africana têm recebido certo destaque, com um cenário mais favorável ao seu reconhecimento e um *quantum* de valorização ainda que tardia; isso se estende no campo da saúde, no campo educacional, no campo social, e principalmente no campo religioso.

O campo afro-religioso brasileiro com seus elementos, práticas e ritos, tem sido o principal foco de grande parte de estudos e pesquisas da área. O transe religioso é um desses elementos e como objeto de pesquisa científica foi analisado sob várias perspectivas, no decorrer do tempo, seja em uma perspectiva que tentou explicá-lo por um viés primitivista e psico-patologizante como em

2 SECADI - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão.

RODRIGUES (1900), RAMOS (1940), BRASIL (1912), GONÇALVES (1937), QUERINO (1938), entre outros. Ou em uma que buscava legitimá-lo, incitando novas discussões e entendimentos como: HERSKOVITS (1941), BASTIDE (1945; 1961), COSTA (1948) e RIBEIRO (1952).

São várias as definições acerca desse elemento, não o bastante, o transe em seu sentido médico geral é descrito por Lewis (1971, p.41) utilizando como referencial o *Penguin Dictionary of Psychology* como “um estado de dissociação caracterizado pela falta de movimento voluntário e frequentemente por automatismo de ato e pensamento representados pelos estados hipnótico e mediúnico”. Um termo neutro que o autor utiliza para denotar o estado mental do sujeito diante de tais experiências, e que se aproxima do conceito do transe nas religiões afro-brasileiras proposto por Moraes & Costa (2014, p.75) e adotado nesse estudo.” Um estado de consciência alterado ou no âmbito das religiões afro-brasileiras, o momento em que uma entidade (orixá, nkise, vodun, egun, caboclo, preto velho, pomba-gira, etc.) incorpora, isto é, manifesta-se por meio do corpo de um médium”.

Ao estudar tal fenômeno encontraremos algumas dificuldades conforme alertam Moraes e Costa (2014), sendo a principal delas o amplo campo lexical. Na literatura médica e antropológica, as denominações mais recorrentes são: transe, possessão, incorporação, êxtase religioso, manifestação, crise mediúnic, entre outros. Os estudos com abordagens etnográficas privilegiam os termos populares do cotidiano dos terreiros (lugares de práticas religiosas) como: “virar no santo”, “espírrar”, “descer”, “pegar no santo”, “baixar”, “estar com o nome da divindade no corpo” e outros. Os termos transe, possessão, incorporação e manifestação são usados, comumente, com a mesma carga semântica, ou seja, são sinônimos.

O termo transe é muito utilizado no meio acadêmico sendo recorrente seu uso em conversas com professores e pesquisadores, na literatura e na fala dos estudiosos em geral. Os estudos clássicos e alguns estudos contemporâneos adotam o termo possessão, porém alguns dos pesquisadores atuais têm rejeitado o termo possessão e seu uso na literatura devido sua estigmatização semântica. Já a comunidade de terreiro utiliza os termos mais populares “baixar”, “virar no santo”, “receber”. Nota-se também um menor uso do termo incorporação, pois o povo de santo ligado à academia têm rejeitado esse termo. No entanto, a literatura nos convida a levantar essa discussão e compreender um pouco mais sobre esse fenômeno, já que os estudos sobre o transe religioso em todas as suas formas ainda são incipientes na sociedade brasileira (MORAES & COSTA, 2014).

Optamos aqui pelo uso do termo transe, em detrimento a outros termos frequentemente usados, seguindo a tendência da escolha acadêmica. O presente trabalho tem por objetivo proceder com base em uma revisão de literatura sobre o fenômeno do transe religioso, trata-se de uma reflexão acerca de sua relação com as religiões afro-brasileiras. Neste estudo foram anexadas duas entrevistas de adeptas das religiões afro-brasileiras, Omo-orixás (filhas-de-santo) praticantes da umbanda e do candomblé com o intuito de relacionar a própria experiência do transe com a teoria.

Alguns fatores justificaram a escolha do tema, primeiro, influenciado pela memória e de questionamentos próprios sobre o fenômeno, a partir de contatos e da vivência com o campo de estudo. Segundo, e não menos importante, por ter sido apontada na literatura como um fenômeno complexo, sujeito a distorções e preconceitos, ainda visto como manifestações demoníacas ou psicopatológicas ou compreendida como *um fato social*, o qual vem recebendo pouca atenção tanto da comunidade acadêmica quanto de estudiosos do assunto e, claro, da comunidade de terreiro. Terceiro, a compreensão de que este trabalho pode contribuir para melhor conhecimento do objeto estudado. Por último, a escolha deste tema também se justifica pela sua relevância em contribuir com os profissionais, que se preocupam com a temática no que se refere à sua atuação profissional ética e contextualizada tanto no campo da educação quanto nos campos social, da saúde e áreas em que esse fenômeno recebe bastante atenção.

2. METODOLOGIA

Este estudo consistiu em uma revisão de literatura sobre o transe religioso e sua relação com as religiões afro-brasileiras. Trata-se, portanto, de uma reflexão sobre o tema com base em fontes primárias e secundárias, artigos científicos e textos que versam sobre o assunto. Foram incluídas duas entrevistas realizadas com adeptos das religiões afro-brasileiras, filhas-de-santo das religiões de Umbanda e Candomblé residentes na cidade de Juiz de Fora, situada na zona da mata mineira. Esses relatos têm por finalidade ilustrar neste trabalho, a partir da vivência e experiência dos praticantes, o entendimento sobre o fenômeno do transe religioso, friccionando com as percepções teóricas de alguns autores aqui abordados. O estudo será dividido em três partes. Contemplará em sua estrutura uma inicial contextualização sobre as religiões afro-brasileiras, seguida por uma reflexão sobre o transe religioso. Em sequência, apresentaremos os modelos teóricos de análise mais utilizados na literatura.

3. AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Definir as religiões afro-brasileiras não parece ser tarefa fácil, todavia é correto afirmar que as vertentes religiosas como candomblé, umbanda, xangô, tambor-de-mina, batuque gaúcho, batuque paraense, catimbó, encantaria, jurema e outras modalidades religiosas brasileiras de origem africana compõem o universo de cosmovisões do campo afro-brasileiro. Prandi (2006) expõe suas considerações sobre a construção desse conceito e declara:

As afro-brasileiras são religiões de pequenos grupos que se congregam, nos territórios, em torno de uma mãe ou pai-de-santo. Embora se cultivem relações protocolares de parentesco iniciático entre os terreiros, cada um deles é autônomo e auto-suficiente, e não há nenhuma organização institucional eficaz que os unifique ou que permita uma ordenação mínima capaz de estabelecer planos e estratégias comuns na relação da religião afro-brasileira com as outras religiões e o resto da sociedade (PRANDI, 2006, p.19).

As religiões afro-brasileiras recebem tal denominação por serem as que se identificam como de origem africana. É, no pensamento de Prandi (2000), a recriação da África simbólica. “E criou-se no Brasil o que talvez seja a reconstituição cultural mais bem acabada do negro no Brasil, capaz de preservar-se até os dias de hoje: a religião afro-brasileira” (PRANDI, 2000, p.59). Para este autor “Essas religiões compõem um diversificado conjunto de credos alguns de caráter local e outros já revestidos da característica da religião universal que podem ser encontrados por todo Brasil até mesmo em outros países especialmente na Argentina e Uruguai” (PRANDI, 2006, p. 02).

É Capone (2004) quem traz um pano de fundo para a nossa discussão ao descrever a constituição do campo religioso afro-brasileiro, especificamente o candomblé a partir da noção de campo de Pierre Bourdieu. Ela constata uma extrema heterogeneidade no campo religioso enfatizando que cada terreiro tem suas próprias especificidades ritualísticas. De acordo com a autora, as diferenças entre os cultos são bem mais claras do que pretendem os antropólogos e os adeptos dessas religiões. Todavia, ela defende a ideia da existência de um *continuum*, um processo de construção da identidade por meio do deslocamento progressivo da posição que sempre define o outro como o não autêntico.

Do sistema religioso afro-brasileiro, as religiões que possuem maior visibilidade são o candomblé e a umbanda. A religião dos orixás o candomblé, caracteriza-se entre outras coisas por ser uma religião iniciática e de possessão extremamente ritualizada, em que os ritos são um acesso privilegiado as demais dimensões que estruturam o tempo, espaço, e corporeidade, conduta,

hierarquia, cargos, nomeação, panteão, etc. (SILVA, 2008). Enquanto a umbanda é descrita por Lages (2012, p. 528) como “uma religião essencialmente marcada pela possessão e a fé na existência de espíritos, é uma religião híbrida que recebeu elementos de outros campos religiosos como catolicismo, espiritismo e de crenças indígenas”. É lida por Birman (1985), no plano da organização social, como um agregado de pequenas unidades que não forma um conjunto unitário.

Os umbandistas são, portanto, súditos de vários senhores e dividem seu tempo, o seu corpo e a sua pessoa trabalhando para todos, tentando conciliar essas vontades diversas entre si e consigo mesmos. Em termos simbólicos, a possessão representa a tensão que apresentamos como paradoxal – de uma pessoa, em sendo ela mesma, poder se apresentar com muitas faces (BIRMAN, 1985, p.25).

A umbanda é na visão de Floriano (2016) caracterizada, principalmente, por uma unidade na diversidade. É entendida por Concone (1987) como a verdadeira religião brasileira, visto que as influências culturais de diversidade religiosas que a compõem. Por conseguinte, muitos símbolos de identidade nacional e práticas culturais importantes têm suas origens nessas matrizes religiosas. Prandi (2006) reforça essa argumentação “A religião afro-brasileira virou cultura: é samba, carnaval, feijoada, acarajé, despacho, jogo de búzios” (Prandi, 2006, p.02). Uma forma utilizada pelo autor para capturar a dimensão da influência dessas religiões em nossa sociedade.

Em conformidade com Augras (1983): “As comunidades religiosas que conhecemos hoje, por mais que se desejem ser fiéis as tradições africanas, são parte integrante da realidade brasileira”. Atualmente, observa-se no contexto brasileiro um discurso de legitimidade e tradição pairando sobre essas religiões, algo bastante complexo já que falar de uma tradição africana pura incita várias reflexões; uma busca das origens perdidas como sinalizou Capone (2004). Nas suas concepções, esse movimento em direção ao passado se torna um instrumento político para legitimar a posição de um grupo que reivindica essa tradicionalidade ou a demanda por uma África mítica como apontou Prandi (2000), uma volta às origens ancestrais; o que também determinaria as relações de poder entre essas vertentes religiosas. É na concepção de Floriano (2016) o mito da pureza nagô, ou seja, uma construção ideológica que tem a ver com a estrutura de poder da sociedade. “É uma categoria nativa utilizada pelos terreiros para marcar suas diferenças e expressar suas rivalidades que se acentuam na medida em que as diferentes formas religiosas se organizam como agências em um mercado concorrencial de bens simbólicos” (FLORIANO, 2016, p. 10).

Além do status cultural que as acompanham, as religiões afro-brasileiras também sofreram do estigma social religioso. O fenômeno do transe, historicamente entendido por possessão, é um

de seus elementos que foi por muito tempo, e ainda o é, alegado a essa matriz religiosa. Ele é identificado como objeto quase que exclusivo das religiões afro-brasileiras e quase sempre visto de forma pejorativa, visões outrora estereotipadas, postuladas pelo credo católico-cristão e conseqüentemente alimentadas pelo senso comum.

De acordo com Birman (1985), a ideia de possessão ou transe não estaria vinculada apenas aos cultos afro-brasileiros. No Brasil esse fenômeno se apresenta em muitos cultos distintos que seguem princípios religiosos variados. A autora resume a possessão como uma forma particular de contato com o sobrenatural, sendo referência constante na cultura brasileira. Essa forma de contato descrito por Birman é ampliada na concepção de Lewis (1971) ao explorar o mais decisivo e profundo drama religioso humano, a tomada do homem pela divindade. O autor pontua:

Essas experiências extáticas não são encorajadas de maneira uniforme em todas as religiões, contudo é difícil encontrar alguma que não há tenha em algum estágio de sua história inspirado nos peitos de pelo menos alguns dos seus seguidores aqueles transportes de exaltação mística nos quais todo o ser do homem parece se fundir em gloriosa comunhão com a divindade (LEWIS, 1971, p. 17).

A experiência religiosa ou mais precisamente o contato com a divindade será nomeada de várias formas, a exemplo, *As Experiências Extáticas* termo utilizado por Lewis. A diferença entre as experiências extáticas e o transe é descrita por Santos (2004). Esta autora sustenta que o êxtase não é transe! Diferenciando-o a nível de consciência, visto que no êxtase as pessoas não perdem o contato com a realidade, permanecendo vigilante, enquanto que durante o transe não haveria registro consciente, ou melhor, não haveria memória – seria um estado de dissociação. Todavia, existem contrariedades.

4. O TRANSE

O transe é um fenômeno que acontece em todo mundo não estando restrito apenas ao contexto afro-brasileiro e também cristão. Negrão (2013) ressalta que em todas as religiões aparecem alguns aspectos do transe espiritual, e que esses aspectos, às vezes são vistos como manifestação demoníaca e em outros como a manifestação do divino. A autora discorre que por mais primitivo que fosse o povo sempre existiu uma forma de contato com a divindade, esses povos primitivos caracterizavam-se pelo politeísmo, pela magia e pelo transe. Ela sustenta que “Com o advento do monoteísmo (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo), o politeísmo perdeu sua força e

conseqüentemente o mediunismo/transe foram perseguidos, combatidos e reprimidos como manifestação maléfica, ignóbil e impura” (NEGRÃO, 2013, p.01). E também por ser uma das práticas comuns, por envolver questões místicas, mal compreendidas e estigmatizadas. A autora ainda aponta que essas perseguições ocorrem em momentos de grandes transformações históricas, como exemplo a Inquisição, o Mercantilismo e as Grandes Navegações. Apenas no século XIX, com o advento do espiritismo, é que o transe voltou a ser discutido na Europa e no Brasil. Agora, justificado pela elite europeia, este fenômeno começou a ser tratado como algo merecedor de estudo e pesquisa.

Para Costa e Junior (2014) o transe constitui o núcleo da ritualística das religiões provenientes da diáspora africana nas Américas. É como enfatizou Bastide (1973) o momento supremo da festa religiosa. A importância do transe no âmbito das religiões afro-brasileiras é assinalada na fala da lalorixá Jane D’Omulu entrevistada por Moraes e Costa:

O transe é o ápice da vivência religiosa no terreiro. O fim de todo o desenvolvimento da religiosidade em Ketu, é a aproximação entre o fiel e o orixá a tal ponto que a divindade possa se manifestar no corpo do sujeito devidamente iniciado. Por isso entender o transe, seu funcionamento e a significação deste para o povo de santo é condição *sine qua nom* para a compreensão dessa religião (MORAES E COSTA, 2014, p. 09).

A vivência do transe nas religiões afro-brasileiras é de fundamental importância tanto para o adepto quanto para todos do terreiro trata-se, portanto, de um elemento fundante; um elemento que as constituem de fato. Contudo, para a prática de tais rituais é necessário que a pessoa tenha qualidades suficientes para possibilitar o estado alterado de consciência, salienta Jorge e Gonçalves (2013) destacando que nem todos os seres humanos são veículos de espíritos havendo uma vasta lista de competências necessárias para a manifestação da divindade no corpo.

Prandi (1991) esclarece que o transe no candomblé é uma experiência religiosa intensa, profunda, pessoal e intransferível, não pode ser mensurada nem descrita, a não ser metafórica e indiretamente. Ela faz parte dos ditos “estados internos” como a inteligência, os afetos, ódios, desejos, e das emoções mais escondidas. O autor discorre que o transe de possessão no candomblé deve ser experimentado de forma inconsciente.

Segundo Negrão (2013), o transe já foi visto por muitos séculos como sinônimo de status e poder em várias sociedades. Os médiuns de hoje, outrora feiticeiros, pajés, xamãs e curandeiros despertaram a curiosidade, o respeito e o temor em seus coletivos; aqueles que buscavam contato com o sagrado por meio dos estados alterados da consciência foram considerados por muito tempo

intermediários entre o plano material e o espiritual, assim usufruíram em todas as épocas da história humana de grandes poderes. Após o advento do monoteísmo, esses fenômenos passaram a ganhar novos significantes.

Por mais primitivo que fosse o povo sempre existiu numa forma de contato com a divindade, que emoldurava o comportamento do grupo, e que unificava e fortalecia o coletivo. A maioria destes povos chamados primitivos caracterizava-se pelo politeísmo pelo transe e pela magia [NEGRÃO, 2013, p.01].

A experiência do estado de transe pode variar de pessoa para pessoa e de sociedade para sociedade, segundo Eliade (2002) cada sociedade tem seus próprios rituais de iniciação ao xamanismo, por exemplo, podendo variar de acordo com cada caso, o mesmo vale para outras religiões, como as afro-brasileiras que também são influenciadas pelo contexto histórico, social, entre outros. O autor destaca a qualidade do ser e o poder que o sujeito adquire ou pode perder ao assumir essa posição. Não sendo, portanto algo que se é, no caso do xamã, e sim algo que se têm e que se pode. A posição de médium, filho-de-santo, ou seja, daquele que incorpora é também uma posição de saber-poder [ELIADE, 2002; FERREIRA, 2003].

O que poderíamos nomear de experiência religiosa ou o contato com a divindade é, aparentemente, uma experiência universal, como observou Negão (2013); é um fenômeno que acontece em todo mundo e está presente em grande parte do nosso universo religioso não estando restrito ao contexto cristão. Os termos transe, possessão, manifestação, incorporação, baixar o santo entre outros, são geralmente usados com o mesmo peso semântico e até mesmo como recurso coesivo.

As considerações a respeito dessa problemática sinalizam para sua complexidade, posto que o termo possessão denota o estado em que uma pessoa é possuída por espíritos o que conseqüentemente alimenta o imaginário social. No entanto, autores como Moraes e Costa (2014) apontam que a estigmatização do termo seria também uma possível causa para explicar o seu desuso. Outra possível consequência da estigmatização é a visão das igrejas neopentecostais, que usam o termo deliberadamente ligando o fenômeno a uma figurativização do mal na concepção judaico-cristã. Sem embargo, a literatura clássica se apropria visivelmente da palavra possessão assim como alguns autores contemporâneos, a exemplo, Goldman (1987), Lages (2012), Hayes (1997) entre outros [MORAES e COSTA, 2014].

Para entender essa complexidade sobre o conceito e o uso de cada termo é imprescindível considerarmos suas influências históricas. Floriano (2016) rememora que no século passado,

evidenciou-se no cenário brasileiro o que poderíamos chamar de um embranquecimento da cultura negra, uma forma de higienismo cuja ideologia estava em minimizar a influência da cultura negra na sociedade brasileira. Traduzindo, apagar o nosso “passado negro”. A busca por uma identidade nacional e religiosa nos levou a várias tramas sincréticas, outro processo complexo foi o empretecimento da ideologia kardecista, que não significava a valorização da cultura africana, mas sim a rejeição de certos elementos originalmente africanos. A umbanda é um exemplo concreto dessa efervescência, haja vista que procuravam desnaturalizar as “áfricas” no Brasil, para dimensioná-las como invenções culturais associadas à criação de identidades religiosas e nacionais. Como possível consequência dessas posturas e visões acerca dos fenômenos mediúnicos, o código penal de 1890 em seu artigo 157³ apontou para a criminalização dos fenômenos mediúnicos expondo o uso do espiritismo como exercício ilegal da medicina.

No Brasil o estado participou ativamente da repressão aos cultos e as macumbas, principalmente no período do Estado Novo com Getúlio Vargas. Para escapar das perseguições e punições de que eram vítimas, principalmente os adeptos das religiões de matriz africanas, foram necessárias adaptações para manutenção de suas práticas religiosas, com isso o sincretismo religioso ganhou força, abrindo margem para novas formas de ser e praticar a religião. Acredita-se que os elementos linguísticos não ficaram de fora desse processo e que também sofreram influências, assim sendo, o termo *possessão* visto de forma pejorativa passou a dar lugar a termos agora socialmente aceitos como é o caso do transe e o da incorporação [BIRMAN, 1985].

Historicamente sobressaíram dois modelos teóricos para análise do transe nos cultos afro-brasileiros: um biologizante, que propõem explicá-lo reduzindo-o a um fator biológico, patológico e individual; e um socializante, que define o transe como um fato socialmente determinado. Este último parte da concepção de que, para explicar o transe religioso ou a *possessão* é preciso conectá-

³Legislação Informatizada - DECRETO Nº 847, DE 11 DE OUTUBRO DE 1890 - Publicação Original. Art. 157. Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismans e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de molestias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública: Penas - de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500\$000. § 1º Si por influencia, ou em consequencia de qualquer destes meios, resultar ao paciente privação, ou alteração temporaria ou permanente, das faculdades psychicas: Penas - de prisão celular por um a seis annos e multa de 200\$ a 500\$000. § 2º Em igual pena, e mais na de privação do exercicio da profissão por tempo igual ao da condemnação, incorrerá o medico que directamente praticar qualquer dos actos acima referidos, ou assumir a responsabilidade delles.

lo com a ordem social abrangente e que pode ser ora percebido como um mecanismo adaptativo, ora como instrumento de protesto social ou, ainda, como meio de reforço da ordem social existente. Paralelamente a estes modelos surgem trabalhos contemporâneos sobre a possessão que se afastam dos modelos explicativos reducionistas e que partem em direção a abordagens mais contextualizadas. Trata-se de métodos teóricos de análise, que utilizam a abordagem fenomenológica; estes estudos preocupam-se em entender o fenômeno em termos de experiência vivida pelos povos e grupos que cultivam interações com espíritos e deuses (GOLDMAN, 1985. RABELO, 2008). Sobre este assunto, são relevantes as palavras de Prandi (2006):

O transe interessa ao pesquisador apenas como uma das dimensões religiosas, não importa à sociologia àquilo que ele tem ou pode ter de psicológico, exótico ou mesmo patológico. Com transe ou sem transe, a religião é sempre teatro, representação (PRANDI, 2006 pg. 08).

Nesse breve sobrevoo sobre a trajetória histórica do transe nas religiões afro-brasileiras faz-se necessário destacar alguns autores dos estudos africanistas no Brasil. O primeiro a dedicar uma obra inteira sobre o transe foi Márcio Goldman, em 1985. O autor mostra que com o passar do tempo, a perspectiva foi sendo modificada a partir dos trabalhos de Nina Rodrigues, para quem a possessão era um estado de sonambulismo provocado por sugestão (música ritmada, monótona que impelia a dança e conseqüentemente, ao estado de possessão) com desdobramento e substituição da personalidade. É que, deste modo, era um fenômeno semelhante às perturbações histéricas. O estudioso acreditava que o seu alto grau de incidência viria do negro baiano devido a seu fraco desenvolvimento intelectual, entretanto Negrão (2013) descreve que Rodrigues (1935) atribuía o transe a um mecanismo mental, mas considerava que tais fenômenos poderiam ter valor psicológico positivo devido seus efeitos catárticos por se apresentarem de forma ritmada e altamente controlada pelo grupo religioso que fazem parte, em especial pelo próprio pai-de-santo (GOLDMAN, 1985. NEGRÃO, 2013).

Em meados do século XX, Arthur Ramos defende, em sua tese, uma visão evolucionista e racista do transe, anos depois se manteve como seu predecessor e propõe que em vez de associar a possessão à histeria, dever-se-ia optar por um modelo mais complexo, no qual poderia estar o transe ligado aos múltiplos tipos de perturbação mental. Ele adota uma perspectiva psicodinâmica, influenciada por Freud, ampliando assim o fator psicopatológico do transe. Será através de Etniene Brasil (1912), Gonçalves Fernandes (1937), Manuel Querino (1938), entre outros estudiosos, que se

buscará explicações para o transe através de modelos biologizantes e psiquiatrizantes, ligados às mais variadas formas de perturbações mentais, da histeria ao alcoolismo e ao uso de drogas e entorpecentes.

As incipientes concepções acerca do transe começam a ser complementadas por novas ideias, segundo Negrão (2013), o psiquiatra Ulisses Pernambuco defendia uma visão tolerante em relação aos cultos afro-brasileiros. Ele não via a presença de transtornos mentais, mas a manifestação de camadas pobres da população. Ulisses, assim como Artur Ramos, defendia o controle médico sobre as religiões com fundamentos no transe, sem a intervenção policial, pois acreditava que tal comportamento primitivo só seria erradicado por meio da educação.

Na década de 40, Melville Herskovits (1941), Roger Bastide (1945), Eduardo Costa (1948), René Ribeiro (1952) causam uma reviravolta na direção dos estudos afro-brasileiros. Para estes autores, o transe é acima de tudo um fato social, na acepção durkaheimiana do termo, e que, portanto, ele pode e deve ser explicado apenas em relação ao contexto social e não através do recurso a categorias extraídas da psicopatologia individual (GOLDMAN, 1985). Longe da patologia e da individualidade, a possessão seria um fenômeno normal e social. Mais tarde, autores como Peter Fry (1977), Luz e Lapassade (1972), Diana Brow (1974), Yvone Velho (1976) reconhecem a inversão hierárquica da possessão e tendem a explicá-la como uma adaptação social. Para estes seria uma forma de protesto, de um mecanismo de reforço da ordem social (GOLDMAN, 1985).

O primeiro que reconheceu a função terapêutica do transe e da possessão foi Jaques Mongruel, em 1946, no I Congresso Interamericano de Medicina. Ele conceituou o transe como *Transe Psicoautônomo*, ou seja, uma manifestação psíquica espontânea e de natureza autônoma. Para Negrão (2013), o transe e possessão sofreram um imenso progresso visto que nos dias atuais no conceito médico atual (DSM- IV e CID-10), uma vez adequados à realidade e à cultura local, não são considerados patológicos, mas desprovidos de significação cultural, deslocados da realidade dos grupos que o praticam, devem ser tratados como patologia psiquiátrica.

Segundo Hayes (2005), o autor Roger Bastide se posicionou contra tais argumentos acerca das religiões de origem africana empenhando-se em defendê-las. Bastide enfatizou o caráter inconsciente da possessão e sua conexão com modelos místicos lorubás. Para Prandi (2006), foi com Bastide que as religiões afro-brasileiras ganharam o status sociológico de religião, especificamente, o candomblé. Nas últimas décadas, o transe foi deslocado da perspectiva biologizante-patológica para a perspectiva socializante, e passou a ser considerado como um

fenômeno social, para autores como: Melville Herskovits (1941), Roger Bastide (1945; 1961), Eduardo Costa (1948), René Ribeiro (1952), Peter fry (1977), Luz e Lapassade (1972), Diana Brow (1974), Yvone Velho (1976); Patrícia Birman (1985). Lages (2012) ao mencionar o transe ou a possessão se apropria de uma abordagem social.

A possessão é compreendida como um fenômeno social no qual estão em jogo diferentes personagens: os representantes da linguagem e os subordinados a ela, que, através de táticas inusitadas – o silêncio, o consentimento, os gritos inarticulados, as palavras confusas, o sim e o não, as incongruências (essas táticas enlouquecem o sistema), a perturbam criando espaços de dúvidas, de incertezas, quanto à devida internalização da ordem (LAGES 2012. p.530).

De acordo com Jorge e Gonçalves (2013), hoje o transe não é mais associado à doença, no entanto, segundo as considerações de Ballone (2008), o transe ou possessão quando visto fora do contexto religioso/cultural ainda são percebidos de forma patologizante, sim. No contexto médico, a CID. 10⁴ classifica sob o código F44.3, o chamado estado de transe e de possessão trata-se de um transtorno caracterizado por uma perda transitória da consciência, da própria identidade, associada a uma conservação perfeita da consciência e do ambiente.

O DSM-IV⁵ cita o quadro de 300.15 como *Transtorno Dissociativo Sem Outra Especificação* e cuja característica predominante dessa enfermidade é um sintoma dissociativo, ou melhor, uma perturbação nas funções habitualmente integradas da consciência, memória, identidade ou percepção do ambiente (BALLONE, 2008; JORGE E GONÇALVES, 2013).

No contexto social, em uma pesquisa de campo, Lages (2012) analisou a possessão na religião de Umbanda com intuito de observar a relação de alteridade que se estabelece entre ambos o médium e a entidade. Usando um quadro conceitual definido por Michael De Certeau, a autora buscou a articulação com a realidade histórica de mulheres filhas-de-santo. Assim como Birman

4CID. 10 - A Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, frequentemente designada pela sigla CID ou ICD (do inglês *International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems*) fornece códigos relativos à classificação de doenças e de uma grande variedade de sinais, sintomas, aspectos anormais, queixas, circunstâncias sociais e causas externas para ferimentos ou doenças.

5DSM. IV- O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM*) é um manual para profissionais da área da saúde mental que lista diferentes categorias de transtornos mentais e critérios para diagnosticá-los, de acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (*American Psychiatric Association - APA*). É usado ao redor do mundo por clínicos e pesquisadores bem como por companhias de seguro, indústria farmacêutica e parlamentos políticos.

(1985), Lages descreve a umbanda como religião marcada pela possessão e a existência de espíritos. Ainda em acordo com Certeau, a autora descreve a possessão como uma linguagem alterada, que se organiza pelo jogo de tensões sociais, políticas, religiosas e epistemológicas, o que pode tornar possível uma reclassificação das representações sociais em função de uma mutação dos quadros de referência.

Em consonância, Dias e Bairrão (2013, p. 220) apontam que “o transe de possessão é a comunicação direta com o sagrado através da incorporação de espíritos por pessoas dispostas e preparadas para a função”. É um fenômeno complexo existente em todo o mundo e elemento central da maioria dos sistemas religiosos. Este mesmo fenômeno é visto por Moraes-Junior (2014) como uma renúncia da vontade, uma renúncia da consciência em que o indivíduo deixa ir à deriva e entusiasma-se ao senti-lo dirigido, dominado, possuído por forças estranhas.

Como vimos, à literatura dispõe de um acervo considerável e complexo de produções acerca de conceitos e definições sobre o transe religioso. Com o intuito de aprofundar a discussão consideremos dois casos relatados por filhas-de-santo sobre sua experiência religiosa e como elas percebem e conceituam tal fenômeno. Passaremos a tratar o transe em termos de experiência vivida.

4.1 O TRANSE PARA OS ADEPTOS

O conceito de transe adotado neste trabalho parte da concepção adotada por Júnior e Costa (2014), para os quais o transe seria:

Um estado de consciência alterado ou no âmbito das religiões afro-brasileiras, o momento em que uma entidade (órixá, nkise, vodun, egun, caboclo, preto velho, pomba-gira, etc.) incorpora, isto é, manifesta-se por meio do corpo de um médium (JÚNIOR & COSTA, 2014, p. 06).

Para um melhor aprofundamento buscamos friccionar as falas de duas adeptas das religiões afro-brasileiras cujos os nomes foram alterados para Ana - 39 anos e Jane - 26 anos ambas residentes na cidade de Juiz de Fora – MG, com as concepções teóricas de alguns autores aqui citados.

A filha-de-santo Jane (26 anos) relata que a pouco mais de um ano entrou para a corrente mediúnica como filha de fé e está efetivamente na umbanda. Sua entrada se deu devido a uma série de fatores psicológicos, mormente, o transtorno de ansiedade que teve no final de 2013. Ao expor a sua compreensão sobre como se processa o fenômeno da experiência de transe, ela assim descreve: “Conexão! Não tenho uma visão da incorporação como um espírito que entra no seu corpo. É um

guia de luz que se conecta com o médium, claro que existem outros tipos de mediunidades”. Ainda sobre o transe ela complementa:

A explicação religiosa do fenômeno que é até um certo ponto exotérica, mas segundo Kardec o espírito se aproxima do médium, do corpo espiritual. É como se fosse um canal de entrada, de manipulação e é através dos chacaras que são pontos energéticos principais do corpo do médium que ele se conecta e manipula esses pontos (JANE. Entrevista I. [nov. 2016] Entrevistador: Ernani Neto. Juiz de Fora, 2016. Arquivo. mp3 - 23:19).

Esta descrição se aproxima das ideias de Dias e Bairrão (2013, p. 220), nas quais o transe é entendido como “a comunicação direta com o sagrado através da incorporação de espíritos por pessoas dispostas e preparadas para a função”. O conceito de transe adotado por Jane é exposto da seguinte forma: “Como incorporação, embora muitos não gostem do termo por trazer também a ideia de possessão”. A filha-de-santo também compartilha das concepções de Morais e Costa (2014), ao abordar a possessão, quando diz “rejeitamos a ideia de possessão, que pressupõem a posse, pois o médium está consciente a todo o momento, embora existam, mas são raros”.

A filha-de-santo salienta “o médium está consciente a todo o momento”. O que vai de encontro às concepções de Bastide (1945; 1961), Silva (2010) e Santos (2004), para quem o transe é caracterizado pela alteração da consciência. A problemática posta em discussão quando se aborda o transe é justamente essa que sinaliza a filha-de-santo. Ao ser tomado pela experiência de transe está o médium consciente ou não? De acordo com a resposta, a veracidade do fenômeno passa a ser questionada. O transe também é visto na perspectiva socializante como um comportamento aprendido, mas segundo Jorge e Gonçalves (2013) é preciso que a pessoa tenha competências necessárias para manifestar-se. Morais e Junior (2014) referem-se à experiência no âmbito subjetivo como uma renúncia da vontade e um entusiasmo que provém do sujeito que se sente dirigido por forças estranhas.

Se a possessão traz a ideia de tomada de si, de posse e o transe e a incorporação provém de estados voluntários e alterados de consciência, levemos em consideração os entendimentos de Jane ao relatar uma inicial tomada do corpo pela divindade, algo que abarca a dimensão da possessão, mas, ainda sim se distancia do termo ao utilizar a expressão incorporação.

O primeiro guia que chegou com um aspecto muito delineado foi o caboclo, já chegou soltando uma flecha, quando eu me vi, a minha mão fazendo sozinha um movimento, eu soltando uma flecha. Eu lembro que até falei um palavrão na minha cabeça, puta que pariu! O que está acontecendo? E ele me reprimiu dizendo: menina não xinga não! Pensei meu Deus ele tá invadindo minha cabeça! Ele tinha acesso ao que estava se

passando, tinha acesso ao meu pensamento, a minha cabeça [Risos]”. (JANE. Entrevista I [nov. 2016] Entrevistador: Ernani Neto. Juiz de Fora, 2016. Arquivo. Mp3 - 23h19min).

Quando questionada sobre o conceito de transe Jane acrescenta “Gosto do termo incorporação, pois da ideia de alguma coisa que te acopla, que forma junto com você uma terceira pessoa. Você está consciente e aprende muito com que o guia está falando”. Jane revela perdas de controle dos movimentos e a interferência na autonomia do pensamento e mesmo assim percebe a experiência como incorporação.

Para a filha-de-santo Ana, o transe seria uma junção do espírito com o médium que se aprimora a cada vivência. “No início o médium não tem controle sobre o fenômeno, ele é tomado pela experiência religiosa, apenas com o seu desenvolvimento na religião é que ele terá acesso a formas de controle sobre o transe”. Sobre esta questão assinala Jane: “No início de seu desenvolvimento, o médium pode cortar o fluxo energético, ou melhor, animizar - o médium toma o controle e não deixa o guia falar. O guia se afasta do médium”.

A relação de familiaridade com as religiões afro-brasileiras aparece na fala de Ana “Sempre tive contato com o transe desde a infância, quando pequena via meu avó e meus tios receberem espíritos em casa”. A sua entrada na religião se deu devido a várias questões, especialmente quando buscava aprovação no vestibular. Nesse primeiro contato foi informada que teria trabalhos para fazer, pois ela era do santo.

Ao refletir sobre o caso Ana, percebemos sua fala próxima a algumas concepções teóricas visto que o contato com fenômeno se processa em tenra infância especificamente no seio familiar passando de geração a geração como apontou Hayes (2005) e Birman (1985). No que concerne à especificação do conceito, Ana utiliza a denominação de transe percebido como um instrumento de ajuda, mas ainda assim como transe, uma terminologia usada muito frequentemente entre os acadêmicos, estudiosos do assunto e entre a comunidade de terreiro.

Ao conceituar a experiência Ana responde: “Uma oportunidade de crescimento para mim! Entendo que são energias, seres que estão fazendo caridade. Vejo como instrumento de ajuda. Transe! Entendo como sendo um transe!”. No relato de Ana, a experiência é descrita como a de incorporação, ela relata como ocorre o fenômeno usando um discurso técnico-científico próprio da religião espírita/kardecista e da umbanda, assinalando uma pequena amostra do nosso sincretismo religioso. Ambas se afastam do termo possessão, percebido como algo que denota a posse e também a perda de controle. Porém, Ana expõe em sua fala a tomada do corpo pela

entidade, a perda de controle, o estado alterado da consciência conceituando o fenômeno como transe. Veja:

Eu ficava na dúvida diante da experiência religiosa. Sou eu? Ou a entidade? Não tenho controle! Com alguns espíritos eu sinto mais a presença; pretos velhos e crianças, já de outros não. Em determinadas ocasiões sentia a presença da entidade e mesmo assim mantinha a consciência, mas me trouxe angústia, pois eu estava ouvindo, mas sem controle algum sobre seus movimentos motores. Instala-se a dúvida sou eu ou a entidade? [ANA. Entrevista II [nov. 2016] Entrevistador: Ernani Neto. Juiz de Fora, 2016. Arquivo. mp3 – 22h39min].

O interessante é que no decorrer de nossa discussão, a relação entre questões psicológicas e as experiências extáticas se sobressaíram. Não seria, portanto, resquícios de um passado no qual o saber médico predominou? Ambas as filhas-de-santo buscam a religião, ou melhor, se voltam a ela para resolução de conflitos pessoais e problemas de cunho psicológicos. A interligação entre saúde e religião ainda nos é ampla e muito complexa, sobretudo quando o fenômeno do transe se manifesta em outros espaços, além no terreiro como nos mostra Ana:

A experiência é muito confusa, eu faço terapia com abordagem espiritualista e em momentos eu passo por um transe no consultório, isso me ajudou na corrente do terreiro. A experiência do transe no consultório se iguala ao do centro, no entanto no terreiro o transe é mais intenso, mais físico, e não tenho controle [ANA. Entrevista II [nov. 2016] Entrevistador: Ernani Neto. Juiz de Fora, 2016. Arquivo. Mp3 – 22h39min].

Para Birman (1985), a possessão é vista como um fato extraordinário e fascinante, a autora ressalta que o medo, o fascínio, a atração e a repulsão que podemos ter diante de tais práticas seriam formas de nos relacionar com os fenômenos que colocam a prova nossas ideias preconcebidas cultivadas pela cultura. “A possessão diz respeito à mudança radical que se processa nas pessoas por intermédio do transe” (BIRMAN, 1985, p.07). Parece haver uma bifurcação no nosso entendimento, neste ponto a autora coloca o transe como intermediário entre o estado de vigília e o estado do ser possuído.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura apresenta o transe sendo percebido como um elemento fundante para as cosmologias e religiosidades afro-brasileiras. Outrora fora visto como sinônimo de status e poder em sociedades primitivas, com o advento do monoteísmo esse fenômeno passou a ser perseguido, combatido e reprimido. Nas pesquisas acerca do fenômeno sobressaíram dois modelos um psicopatologizante e outro socializante. A perspectiva biologizante foi a que mais predominou sendo

o transe associado a perturbações histéricas e a transtornos mentais. Com o avanço das pesquisas novos olhares se destacaram acerca do fenômeno, desde uma visão de incapacidade intelectual e outra ligada às condições sociais.

Na atualidade predomina a perspectiva socializante, na qual o transe é visto como um fato social. Em contra partida ganham forças as abordagens fenomenológicas, em que este fenômeno é estudado em termos de experiência vivida. No que diz respeito a sua terminologia, o conceito de transe passou a ser mais adotado tanto pelos estudiosos, assim como pela comunidade de terreiro, estando o termo possessão em desuso por evocar a ideia de posse devido as suas reminiscências negativas, sendo ainda adotado por alguns estudiosos. O estudo assinala que os discursos sobre o transe e a vivência da experiência espiritual se fixaram no espaço do sagrado e do saber psiquiátrico, espaços esses conscientes das fronteiras do que pode ser cultural e o que é da ordem do patológico. Outro ponto que desperta curiosidade no estudo é a manifestação do transe e da possessão que ocorrem nas igrejas neopentecostais, o que acaba por suncintar a importância de novas discussões acerca do fenômeno.

Buscou-se por aprofundar este trabalho a partir de análise de relatos de filhas-de-santo e friccionando com os achados da nossa pesquisa. Observamos que os relatos comungam com a literatura quando percebem o fenômeno mais próximo do conceito de transe. Como também se distanciam da terminologia possessão vista como algo que toma o indivíduo, deixando-o sem controle. As filhas-de-santo não descrevem o fenômeno por perspectivas biologizantes ou psico-socializantes, mas acima de tudo próximas as abordagens etnográficas e fenomenológicas, nas quais a experiência vivida é sim de ordem religiosa, ou melhor, espiritual. Ambas procuram a religião para a resolução de seus conflitos, passando a frequentar e aprender sobre o fenômeno, adquirindo com o tempo o domínio do mesmo, portanto, um saber-poder, reflexões que nos aproximam de perspectivas teóricas sociais, etnográficas e fenomenológicas. Outro ponto que destacamos nesta reflexão, é a forma conceitual usada pelas entrevistadas, ambas adotam termos como transe e incorporação, mas relatam de acordo com a descrição de alguns autores uma experiência mais próxima da possessão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGRAS, Monique. *Transe e construção da identidade no candomblé*. O Duplo e a Metamorfose: A Identidade Mítica em Comunidade Nagô, Petrópolis, Vozes, 1983.

BALLONE, Geraldo. Transe e Possessão. In: *PsiquWeb*, Internet. Disponível em: <http://psiquweb.net/index.php/espectro-histrionico/transe-e-possessao>. Acesso em 30 ago 2008.

BASTIDE, Roger. — *Imagens do Nordeste místico em branco e preto*. Rio de Janeiro, Cruzeiro 1945. _____ . *O candomblé da Bahia (Rito Nagô)*. São Paulo, CEN, 1961.

_____. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo, Perspectiva, 1973.

BIRMAN, Patrícia. *O que é Umbanda*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRAZIL, Ethiene. — *O fetichismo dos negros no Brasil*. In: RIHGB. Rio de Janeiro, 1912. Tomo LXXIV, parte II.

BROWN, Diana. — *Umbanda*. Politics of na urban movement. Mimeo, 1974.

CANCONNE, Maria. Helena. *Umbanda: uma religião brasileira*. São Paulo: Publicação do CER. Coleção “Religião e Sociedade Brasileira”, 1987.

COSTA, Eduardo. *The Negro in northern Brasil*. A Study in acculturation. New York, American, Ethnological Society, 1948.

FLORIANO, Maria da Graça. Umbanda — Relações étnico-raciais na escola: As origens da umbanda. *Disciplina; umbanda* - Pós-graduação em Religiosidades Afro-Brasileiras: Política de igualdade Racial no Ambiente Escolar, UFJF. Aulas ministradas no Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião - UFJF 2º semestre de 2016.

FRY, Peter. — Mediunidade e sexualidade. In: *Religião e Sociedade*. São Paulo, Ed. Hucitec, n. 1, p. 105-123, 1977.

DIAS, Rafael de Nuzzi; BAIRRÃO, José Francisco. Trajetórias Investigativas da Possessão: Uma Abordagem Etnopsicológica. *Psicologia e pesquisa*. Juiz de Fora, v. 7, n. 2, p. 220-229, dez. 2013.

DSM-V. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. DSM-5. — 5th ed. Disponível em: https://docs.google.com/file/d/OB_xpcySB9uWfejFISoxILU95Y2M/edit

ELIADE, Mircea. *O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase*. SP, Martins Fontes, 2002.

FERREIRA, Pedro Peixoto. *O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase*. Eliade revisitado. Ano 2003.

GOLDMAN, Márcio. A possessão no Candomblé. *Religião e Sociedade*, 12/1, 1985.

_____. "A construção ritual da pessoa: a possessão no candomblé". In: C. E. M. de Moura [org.]. Candomblé: desvendando identidades. São Paulo: EMW Editores. 1987

GONÇALVES, Sumaia, JORGE, Érica. O corpo no Transe Religioso Afro-Brasileiro. *Revista eletrônica da ABHR*. 2013.

GONÇALVES, Fernandes. – *Xangôs do Nordeste*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1937.

HAYES, Kelly. Fogos cruzados: a traição e os limites da possessão pela Pomba-gira. *Religião e Sociedade*, v. 25, n. 2, p. 82–101, 2005.

LEWIS, Ioan. *Êxtase Religioso*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

LAGES, Sônia. Possessão e Inversão da Subalternidade: com a palavra pomba gira das rosas. *Psicologia & Sociedade* 24(3) 527-535, 2012.

LUZ, Marco & LAPASSADE, Georges. – *O segredo da macumba*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.

MENEZES JUNIOR, Adair de; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. O diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e transtornos mentais de conteúdo religioso. *Revista Psiquiatria Clínica*. São Paulo, v. 36, n. 2, p. 75-82, 2009.

MORAES, Mário, COSTA Alexandre. Reflexões sobre o transe ritualístico no candomblé. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 16, n.21, p.72-87, jul-dez de 2014.

MORAIS-JUNIOR, Mário. *Candomblé – discurso em transe*, Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Goiás, Faculdade de Letras, Goiânia, 2014.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; CARDENA, Etzel. Diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e psicóticas não patológicas e transtornos mentais: uma contribuição de estudos latino-americanos para o CID-II. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. São Paulo, v. 33, supl. 1, p. s21-s28, Maio 2011.

NEGRÃO, Joseane. *Transe, possessão e êxtase religioso nas religiões Afro-brasileiras*. GT-6 Escolas das Religiões Afro-brasileiras e diálogos. Ano 2013. Disponível em: <http://asintese.blogspot.com.br/2013/12/transe-possessao-e-extase-religioso-nas.html>. Acesso em 25 abr 2014.

NINA RODRIGUES, Raimundo. – *L'Animisme Fétichiste des Nègres*. Salvador, Reis & Comp., 1900.

REBER, Arthur. REBER, Sara. ALLEN, Rhianon. *Penguin Dictionary of Psychology*. E-book: Documento: Inglês: 4th ed London; Séries: Penguin reference library. New York: Penguin Books, 2009.

PRANDI, Reginaldo. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. *Revista USP*, São Paulo, n.46, p. 52-65, junho/agosto. Ano 2000.

_____. O que você precisa ler para saber quase tudo sobre as religiões afro-brasileiras. Publicado inicialmente como: "As religiões afro-brasileiras nas Ciências Sociais: uma conferência, uma bibliografia". In: *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, n. 63, 1º sem. de 2007.

QUERINO, Manoel. – *Costumes africanos no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1938.

RAMOS, Artur. *O negro brasileiro*. São Paulo, CEN, 1940.

SANTOS, Rosileny Alves dos. *Entre a razão e o Êxtase*. experiência religiosa e estados alterados da consciência. Tese de doutorado. UMESP - Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. São Bernardo do Campo. [2004]. 254F. Ano 2004.

SANTO NETO, Francisco. *Conviver melhor*. Psicografia, ditado pelos espíritos Lourdes Catherine e Batuira. Bv espírita. Catanduva SP, 1999.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Atenção psicológica e umbanda: Experiência de cuidado e acolhimento em saúde mental. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 773-794, dez. 2014.

SEGATO, Rita Laura. *Santos e Daimones*. O politeísmo Afro-brasileiro e a tradição arquetipal. Brasília: Universidade de Brasília, 1995.

SILVA, Vagner. *A estrutura religiosa do candomblé*. Rotinização do Rito. In Silva, Vagner. Orixás da metrópole. Petrópolis: vozes, 1995 p. 119-161. Ano 1995.

VELHO, Yvone – *Guerra de Orixá*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

BIBLIOGRAFIA ON-LINE

LISTA CID 10: <http://www.medicinanet.com.br/cid10/f.htm>